

O EMPRESTIMO DE D. MIGUEL



José Augusto Barilho da Silva

— Está ali fóra o sr. conde de Raillac, a perguntar por *aquella coisa* que estava combinada para antehontem, que foi o dia 1.º de março...

— Diga ao sr. conde que n'este momento não posso fazer negocio, porque já não tenho saccois dispo-
niveis...

POR AHI...

Hontem, ás duas horas e meia da tarde, uma dama notavelmente gentil e trajando no rigor da mais aprimorada moda, transpunha a passos curtos mas apressados os corredores do ministerio do reino que conduzem ao gabinete do sr. ministro respectivo.

—S. ex.^a está? perguntou muito interessada ao continuo do gabinete.

—Está, mas não falla, respondeu o interpellado, n'aquella altiva sequidão só propria dos continuos e dos arenques seccos... seccos... seccos...

—Nem por mimica? perguntou ingenuamente a dama, imaginando que o sr. José Luciano não fallava nunca, que era surdo-mudo de nascença.

A este tempo sahia do gabinete de s. ex.^a um massador qualquer; e o continuo, aproveitando o ensejo de annunciar ao sr. ministro a nova pretendente, voltou em breve, proferindo com um gesto de paternal assentimento:

—Pode entrar; s. ex.^a manda introduzil-a.

A dama ruborisou-se da cor do *char-a-banc* do Grandella, mas entrou afoitamente.

O sr. José Luciano reconheceu logo que tinha na suapresença uma das mais formosas actrizes portuguezas.

—É particular o que tem a dizer-me? interrogou afavelmente o ministro.

—Muito particular, confessou a dama.

O continuo, que é ainda do tempo em que foi ministro o sr. Barjona de Freitas, fez meia volta á direita e veio cá para fóra, cantarolando por entre dentes:

—As irmãs da caridade
Pum!

De que se trata pois? perguntou o sr. José Luciano.

—De eleições, respondeu a dama.

—Porque circulo?

—Pelo meu...

O sr. José Luciano puxou a cadeira meio metro á rectaguarda.

—Julgava que me vinha fallar das eleições de deputados...

—Eganou-se; fallo-lhe da eleição que hade dar o penacho de mais formosa a uma das actrizes portuguezas; e eu quero para mim esse penacho!

—Mas eu não o tenho...

—Mas póde cooperar efficazmente para que a eleição se vença no meu circulo.

—Nada, nada... Não entro n'isso...

—Ora entre... peço-lh'o eu... Basta que me dê duas ou tres liçõesinhas que me habilitem...

—Que a habilitem a quê? santa Virgem da Nazareth!

—Que me habilitem a montar...

O sr. José Luciano levantou-se d'um pulo não a deixando concluir.

—Perdão! respondeu muito formalizado; a senhora enganou-se no caminho: eu não sou o picador Diamantino nem o picador-maestro Antonio Duarte; a respeito de equitação tomára eu saber para mim quanto mais para ensinar os outros...

—Mas o que eu desejo que v. ex.^a me ensine a montar é simplesmente... a machina eleitoral... afim de eu conseguir ganhar a eleição...

Por este simples facto facilmente se pode avaliar a alta importancia da lueta eleitoral que vae travada entre as artistas dos theatros portuguezes!

E, como se vé, os processos empregados pelas formosas *candidatas*, no empenho de vencerem a eleição conquistando o fóro da mais formosa, não diferem absolutamente nada das tricas eleitoraes postas em acção pelos partidos politicos de todas as parcialidades, a proposito da eleição de deputados que nos está batendo á porta.

Assim como, a artista a que acima nos referimos, se empenha na montagem da machina eleitoral, assim outras buscam pelos demais processos trivialmente conhecidos chamar sobre si a adhesão dos electores, afim de conseguirem a ambicionada maioria de votos.

Uma actriz do theatro da Trindade, por exemplo, foi hontem vista á Cruz do Taboado, no estabelecimento das fressurceiras, a fazer uma importante provisão de mãosinhas de carneiro, para regalar — com batatas — o bandulho dos seus numerosos electores.

Outra, do theatro do Gynnasio, adoptando a variante seguida em tempo pelo Jayme da Costa Pinto na eleição de Caparica, e respeitando commulativamente as prescripções da quaresma que vamos atravessando, tenciona fazer servir aos electores uma plangana de magnifico bacalhau — sem batatas, para variar.

Ainda uma terceira, do theatro do Principe Real, optando pelo processo das conesias aos electores, tem promettido conesias a torto e a direito, affirmando-se mesmo que já deu varias conesias por conta, a alguns electores mais exigentes...

Mas esta coincidência, verdadeiramente notavel, de se realizarem ao mesmo tempo as eleições masculinas de deputados e as femeninas de belleza, além de representar, na opinião de pessoas circumspectas, um attentado contra a moral publica, visto como, no momento em que se cuida de eleger os paes da pátria, semelhante embrulhada de eleições com elemento femenino póde muito bellamente dar em resultado que, em vez dos paes esperados, saiam cleitos alguns inesperados filhos; além de representar aquelle attentado, como diziamos, produz ainda, na pratica dos trabalhos eleitoraes, uma confusão diabolica, que já tem dado logar a mais d'um *qui-pro-quo* entre cavalheiros de elevada posição social.

Ainda hontem, por exemplo, o sr. marquez de Valhada foi procurado por um alto influente do partido regenerador que lhe ia pedir o voto para as proximas eleições.

Sabida como era do sr. marquez a dedicação d'esse personagem pelo partido de que ambos fazem parte, calculou naturalmente que se tratava do candidato regenerador á representação nacional, e assim cuidou apenas de inquirir a seu respeito umas breves explicações, afim de poder votar com a consciencia desafogada.

—E que tal? perguntou, referindo-se ás aptidões do candidato regenerador.

—O melhor que ha... Não imagina! Cabellos negros como onix, labios vermelhos como coracs, dentes brancos como perolas, cutis rosada como rubis, olhos...

—Olhos tambem de montra d'ourives, como todas as outras partes? perguntou o sr. marquez, muito interessado na narrativa.

—Exactamente! olhos dignos da loja do 103... Olhos azues como saphyras...

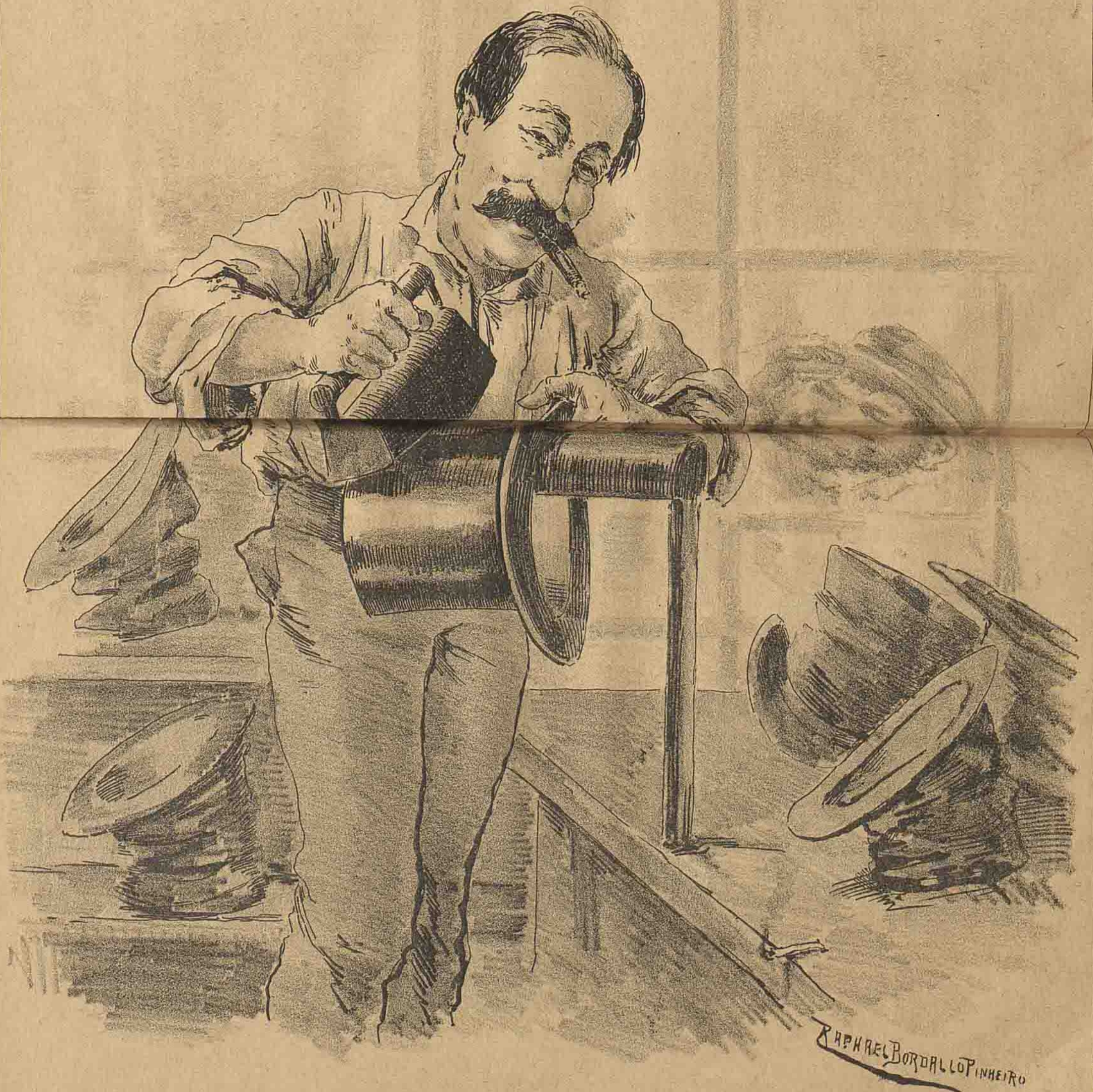
(Continúa na 6.^a pagina)

ELEIÇÃO DA MAIS FORMOSA ACTRIZ



Como a maior parte das pessoas da provincia não possa concorrer a eleição proposta pelo *Correio da Manhã*, em vista de não conhecer as nossas formosas actrizes, julgamos prestar um alto serviço a essas pessoas publicando aqui os retratos das artistas mais notavelmente bellas que pisam os palcos de Lisboa. Garantimos a rigorosa similhaça dos nossos retratos com os respectivos originaes.

AS ELEIÇÕES



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

--Toca a preparar a urna...

—Ai Jesus! como saphyras, deve ser de se lhe tirar o chapéu!... E como se chama? diga-me como se chama o nosso querido correligionario?

—Qual correligionario nem qual carapuça! Então v. ex.ª imagina que eu perco o meu tempo a occuparme de eleições politicas quando se trata de eleger a mais formosa das actrizes portuguezas?! E' por a eleição d'ella que me tem aqui; é para ella que eu lhe venho pedir o seu voto...

—Votar n'uma mulher! exclamou o sr. marquez, no auge do supremo espanto; v. ex.ª errou o numero da porta, com toda a certeza!...

E, em seguida, fulminando-o com um d'aquelles olhares de desprezo capazes de metter pelo chão abaixo a propria serra do Marão:

—Eu cá não sou d'esses!...

PAN-TARANTULA.

CHAPELLARIA UNIVERSAL

126, R. DE SANTO ANTONIO, 130

PORTO



Victor Coitinho
& companhia,
Chapellaria
Universal,
Faz chapéus altos,
Baixos e chatos,
Caros, baratos,
Et cet'ra e tal.

Faz mais que dez
Mariannos juntos,
N'estes assumptos
De chapellada!
—Algun freguez
A que aconteça
Não ter cabeça,
Não paga nada.

Na Avenida, á hora em que o sol se vae sumindo e a vontade de jantar vem apparecendo.

Influente eleitoral: — Olha lá, ó Gustavo: tu já escolheste lista?

Gustavo: — Tenho andado a pensar n'isso e escolhi agora mesmo.

Influente: — Certamente a lista do governo, que é a que mette melhor gente...

Gustavo: — Não! Escolhi a lista do Tavares, que mette sopa de camarão...

No esalão d'um theatro.

1.º *caixeiro*: — Adeus, ó Serapião! já não ha quem te veja! Desde o ultimo baile de mascarar na Trindade que não te punha a vista em cima!

2.º *caixeiro*: — Tenho estado a descansar das folias carnavalescas. Não imaginas como eu me diverti! Apanhei um costume de turco e corri todos os bailes!

1.º *caixeiro*: — Pois a mim succedeu-me exactamente o contrario: apanhei a turca do costume e fui corrido de todos os bailes...

QUAL A ACTRIZ MAIS FORMOSA?

Sobre a questão que vigora,
De qual mais formosa seja,
Recebemos mesmo agora
Esta carta lá de fóra,
D'um compadre, de Estarreja:

«Compadre: li n'uma folha
Que anda tudo em polvorosa
N'essa eleição, n'essa escolha,
Pois quem mais votos recolha
Provará ser mais formosa,

Virginia já tem setenta;
E mais, decerto, inda apura.
Será Virginia quem rentá?
Quem, por final, se apresenta
Eleita da formosura?...»

Se assim fôr, grito e protesto,
Do quico ao tacão da bota,
Co'a voz, co'a penna, co'o gesto,
Por se tornar manifesto
Que a eleição metteu batota!

Eu só vejo, entre as pequenas
Que trabalham no theatro,
Sejam brancas ou morenas,
Uma formosura apenas;
—Aquella que amo, idolatro!

Essa sim, que é como os figos...
—Os maduros não tem pár—
Tal como os trastes antigos,
Aqui p'ra nós—entre amigos—
E' de lavar e durar...

E atraz de mim—juro! aposto!—
Virá votar gente séria!...
E eu, de altivo, erguido rosto,
Cumpro um dever de bom gosto
Dando o meu voto... á Valeria!

Meu voto n'esta eleição,
Compadre, não me discutas.
Tem Valeria algum senão?
Que o tenha!—Diz o rifão:
Em gostos não ha disputas...»

PAN-TARANTULA

CONTOS EM BRANCO

Inauguramos hoje esta nova secção, a qual, nos parece, deverá agradar a todos os nossos leitores que disponham d'um bocadinho de paciencia e de igual dose de espirito.

Os que estiverem nas circumstancias requeridas, queiram mandar-nos o producto das suas locubrações, em prosa ou verso, constando da interpretação que deram ao conto e explicando uma por uma as gravuras de que elle se compõe.

Aquelle que tiver a ventura de imaginar uma interpretação mais fiel e mais espirituosa, apanhará um brinde como premio da sua esperteza, sendo além d'isso proclamado nas nossas paginas como *alho* de primeira qualidade.

Toca a puzar pela imaginação!

CONTOS EM BRANCO

COPIA DE BUSCA



REPRODUCIDO DO LIVRO 'O ELEFANTE E O MACACO' DE J. G. DE ALMEIDA

O ASPECTO DAS POTENCIAS



Apparentemente todos estendem a mão com que se aperta a dos amigos, mas cada um occulta na outra mão o cacete ferrado com que se espera os inimigos...